





Conselheiro Ruy Barbosa

# DISCURSO

pronunciado na

## Collação do Grão de Bacharel

EM SCIENCIAS E LETTRAS

dos Snrs.:

Alvaro Foaquim de Oliveira.

Egberto Nogueira Senido.

Francisco Soares de Gouvêa.

José Maria Mac-Dowel.

Luis Augusto de Miranda Fardão.

Olyntho Bogado Leite. - Roberto de Seixas Corrêa.

Sylvio Liberato Romero.

Sito Brates da Fonseca.

---

NOVA FRIBURGO

Collegio Anchieta

1903.





*Exm. Sr. Arcebispo - Rev. P.<sup>e</sup> Reitor.*

*Minhas Senhoras e Senhores.*

Para os que fazemos todos os annos esta romaria do coração, este lugar é um santuario, a que se acode com alvoroço. Destes cimos, onde estas seranias verdejantes encontraram, afinal, a sua mais bella coroa, o Collegio Anchieta nos estende á distancia os braços. Onde quer que estejamos, e por mais que nos afastemos, o esmalte destes longes azulados se nos avizinha, desenhando-se no horizonte mais proximo, como um panorama familiar. Ao respirarmos, de manhãzinha a primeira aragem do dia, a janella que abrimos nos olha para as montanhas de Friburgo, para as devesas destes cabeços de esmeralda, que se recortam aqui no espaço transparente, para a *Village* suissa dos primeiros colonos destes sitios, agora transformada pela mão creadora dos descendentes de Anchieta. Sobre a tarde, quando

o colorido tropical de nossa natureza desmaia na melancholia crepuscular, muitas vezes estamos vendo suspender-se esta paizagem, com o seu gorgueio de creanças alegres, sobre as nossas cabeças, especie de miragem risonha, ora no ambiente monotono da cidade, ora na doce tristeza dos campos. Depois, a noite, umas vezes anilada, outras argentina, se recama de scintillações longinquas, ou deixa cair em tunica immensa a sua claridade roçagante. Então, ora nas estrellas pequeninas que lucilam mais baixo, estremenhas entre o céo e a terra, nos parece brilhar, destas paragens, as lampadas silenciosas da estudaria, com alguma coisa dos olhares travessos que chispam na calma nocturna destes bancos; ora a brancura das imagens lunares nos debuxa, no seu alvor prateado, estas paredes, estas cornijas, estas galerias, o perfil deste monumento consagrado ao culto de nossos pais e á cultura de nossos filhos. De modo que, na peregrinação festiva desta solemnidade, quando nos acercamos destas alturas duas vezes santificadas, quando tornamos a subir esta encosta hospitaleira e bemdita, os abraços, as effusões, os beijos que trocamos, são estremes de amargura e suaves como os de cada manhã nas casas felizes, em que os filhos adormecem todas as noites no amor de seus paes, e os paes acordam todos os dias entre os carinhos de seus filhos.

A emoção, pois, a grande emoção destas ceremonias annuaes, que eu rogo a Deus que permita ver ainda muitas vezes, como allivió d'alma, numa epoca em que o contentamento é tão raro, está nos premios que hoje se distribuem, por juizes incorruptiveis, aos primeiros triumphos da vida e, sobretudo, no adeus que vão dizer aos seus companheiros e aos seus mestres aquelles que se partem, para não vol-

ver. Vingaram a primeira divisão intellectual da existencia; transpuzeram o primeiro grande marco de trabalho; e agora, deixando os socios, os estudos, os brincos, os guias dos seus annos mais descuidados, vão ensaiar vô noutra esphera, resolver a incognita da sua vocação, fazer a selecção de sua carreira, demandar o norte do seu futuro. E' a primeira aberta da vida, com o seu descortino de indecisas responsabilidades.

Ides, meus bons amiguinhos, trocar o Lyceu pela Academia, e, sentindo vagamente a solemnidade do passo, invocaes uma palavra, que vos assista, com o viatico do conforto e da experiencia, para a jornada, suas duvidas, seus riscos, suas anciedades. Esta a missão do vosso paranympho. Dos gregos herdámos o vocabulo, com toda a sonoridade da sua musica e toda a poesia das suas reminiscencias. Era, entre os Hellenos, o amigo predilecto, que acompanhava o noivo no carro nupcial. Foi, na antiguidade christã, o padrinho, que levava os desposados ao altar. E' hoje, nestes esponsaes do trabalho com a mocidade, o eleito dos que recebem o anel e as palmas, afim de lhes auspiciar a felicidade da alliança.

Mas este bom agoiro, com a lição de verdades que o deve envolver, como os aromas sagrados envolvem, nos templos, a oração, haveis de tel-o ido pedir a outro: a um espirito feito de saber, serenidade e pureza, a uns labios costumados á doutrina e ao conselho, a uma vida carregada de benções e fructos. Não a um homem de luta e combate, cumulado de odios, mortificado de revezes, golpeado de provações, a um politico mallogrado, com todos os seus erros e todas as suas culpas, todas as suas queixas e todos os seus peccados, com todos os defeitos caracteristicos e todos os vicios irremediaveis de

uma carreira, em que se lhe esterilizou o melhor de sua natureza: o gosto das coisas intellectuaes, a estima dos prazeres desinteressados, a elevação da vida espirital.

Mas vós o quizestes; e tive que obedecer á grata violencia de vos falar, convalescente, ainda sem forças, do acinte de uma enfermidade, que me ia roubando esta satisfação. Experimento-a hoje pela primeira vez, essa doçura, a que os vossos mestres se affizeram, e posso assegurar-vos que a sinto no intimo d'alma como um carinho bondoso da minha fortuna. Demosthenes se ensoberbecia de ter a Platão por ouvinte, prezando em mais tamanha honra que a de senhorear por auditorio o mundo inteiro. Para mim a de me entreter comvosco sobreexcede em goso a todos os momentos de vão orgulho e inutil embriaguez, que a tribuna me possa ter dado.

Todas as causas, algumas bem santas, em que ella foi o meu campo de batalha, não valem mais que a do vosso destino. Com a differença que alli espargia eu ao vento os meus rebates de atalaia, as minhas vozes de guerreador, ou os meus vaticinios de propheta (que tudo me imaginava na vaidade da minha ambição e na impotencia do meu nada); ao passo que hoje, aqui, serei apenas a mão chã do sementeiro, semeando algumas sementes de bem no torrão virgem do seio que me abris.

E, quando a minha tarefa deste momento se me antolha sob esta feição, alguma coisa passa por mim como de cima, religiosamente. A fronte do sacerdote se verga para o calice consagrado. A do lavrador, para a terra. A do que espalha o grão da verdade, para o sulco soaberto nas consciencias novas. E todos tres receberam ordens sacras. Todos concorrem para a fecundação divina do Universo.



A hostia, o arado, a palavra correspondem aos tres sacerdocios do Senhor. Mas a suprema santificação da linguagem humana, abaixo da prece, está no ensino da mocidade. O lavrador deste chão devia amanhá-lo de joelhos. Crêde que me acho realmente sob esta impressão, como se, ao receber dos braços de minha companheira um filho recém-nascido, uma voz interior me segredasse: "Purifica o teu halito, que lhe vae insufflar a vida, ou a morte."

Se a minha fosse necessaria, para gravar indelevelmente neste meu colloquio comvosco o sello da mais absoluta sinceridade, eu supplicaria a Deus fizesse do que vos vou dizer o meu testamento politico, a ultima expansão publica do meu amor a meu paiz. Quando me consulto a mim mesmo, no mais recolhido exame, forcejando atinar em que teria eu merecido algum apreço dos meus compatricios, e por que vos inspirára taes sympathias, não acho a meu credito senão tres modestas verbas. Caso, postos de parte os descontos humanos, houvessem de condensar numa synthese o meu *curriculum vitae*, e do meu naufragio salvassem alguns restos, tudo se teria, talvez, resumido com dizer: "Estremecceu a patria, viveu no trabalho, e não perdeu o ideal."

São as tres faces da minha vida. São os tres aspectos, em que se poderia compendiar o bem e o mal da vida humana. Se alguma noticia da realidade moral tenho, é a que elles me exprimem. Sejam, pois, esses, hoje, os tres versiculos do nosso evangelho.

Nada mais natural que o amor da patria; mas tambem nada mais confuso, nada mais abusado, nada mais degeneravel. Toda a planta quer ao humus, de que se nutre, ao envoltorio aereo, onde respira, ao pedaço de azul celeste, que lhe sorri e a orvalha. Mas esses rebentos da seiva terrestre não têm pai-

xões, como a planta humana. Esta é, de seu natural, ambiciosa, violenta, aggressiva, invasora, absorvente, exclusivista; e todas essas aberrações malevolas facilmente mistura com o patriotismo, que, assim entendido, se parece tanto com o bom amor da patria como o mal com o bem.

Desconfiae dos rotulos, que mentem, meus amigos, e habituae-vos a contrastear a mercadoria com o criterio vivo do vosso bom senso. Pois não foi o Terror, por exemplo, quem inaugurou em politica a senha da *Fraternidade*? A guilhotina fizera desta palavra a expressão do fratricidio, arvorado em lei de governo. “Cheguei a esta conclusão,, , philosophava Metternich em Pariz: “reinando a *fraternidade*, que aqui se usa, se eu tivesse *irmãos*, tratál-os-hia de *primos*,,. As mais horrendas matanças que ensanguentaram aquelle paiz, tocam ao regimen dessa legenda pacificadora: desde as trucidaciones de mulheres e meninas pelos setembristas em 1792 até o assassinio dos refens pelo communistas em 1871.

Já vêdes que, no vocabulario dos sophismas da maldade, os mais formosos nomes padecem deturpações de sentido atrozes. Mas dessas fraudes blasphemias nenhum soffreu ainda maiores torturas que o de *patriotismo*. Não vos illudae com essas falsificações abominandas. O sentimento que divide, inimiza, retalia, detrae, amaldiçoa, persegue, não será jamais o da patria. A patria é a familia amplificada. E a familia, divinamente constituida, tem por elementos organicos a honra, e disciplina, a fidelidade, a bemquerença, o sacrificio. E' uma harmonia instinctiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicae a cellula, e tendes o organismo. Multiplicae a familia, e tereis a patria. Sempre o mesmo

plasma, a mesma substancia nervosa, a mesma circulação sanguinea. Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade, de que o Christo lhes dera a formula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros: *Diliges proximum tum sicut te ipsum.*

Dilatae a fraternidade christã, e chegareis das affeições individuaes ás solidariedades collectivas, da familia á nação, da nação á humanidade. Objectar-me-eis com a guerra? Eu vos respondo com o arbitramento. O porvir é assaz vasto, para comportar esta grande esperança. Ainda entre as nações, independentes, soberanas, o dever dos deveres está em respeitar nas outras os direitos da nossa. Applicae-o agora dentro nas raias desta: é o mesmo resultado: bemqueiramo-nos uns aos outros, como nos queremos a nós mesmos. Se o casal do nosso vizinho cresce, enrica e pompeia, não nos amofine a ventura, de que não compartimos. Bemdigamos, antes, na rapidez da sua medrança, no lustre da sua opulencia, o avultar da riqueza nacional, que se não póde compor da miseria de todos. Por mais que os successos nos elevem, nos comicios, no fôro, no parlamento, na administração, apprendamos a considerar no poder um instrumento da defesa commum, a agradecer nas opposições as valvulas essenciaes de segurança da ordem, a sentir no conflictio dos antagonismos descobertos a melhor garantia da nossa moralidade. Não chame-mos jamais de *inimigos da patria* aos nossos contendores. Não averbemos jamais de *traidores á patria* os nossos adversarios mais irreductiveis.

A patria não é ninguém: são todos; e cada qual tem no seio della o mesmo direito á idéa, á palavra, á associação. A patria não é um systema, nem uma seita, nem um monopolio, nem uma fórma

de governo: é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciencia, o lar, o berço dos filhos e o tumulto dos antepassados, a communhão da lei, da lingua e da liberdade. Os que a servem são os que não invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emmudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo. Porque todos os sentimentos grandes são benignos, e residem originariamente no amor. No proprio patriotismo armado o mais difficil da vocação, e a sua dignidade, não está no matar, mas no morrer. A guerra, legitimamente, não póde ser o exterminio, nem a ambição: é simplesmente a defesa. Alem desses limites, seria um flagello barbaro, que o patriotismo repudia.

Mas o patriotismo, praticamente, consiste, sobretudo, no trabalho. *Laboremus*, murmurava, expirando, o imperador romano. *Laborate*, estão a dizer-vos, na sua austera alegria, todos os canticos desta solemnidade, seus emblemas, seus quadros, as recordações de vossa vida entre estes muros, que aqui ficam, na constancia da sua immobilidade, a hospedar outras gerações, e assistir a outras despedidas.

O saber moderno, espaçando incommensuravelmente as extremas do universo acessivel á sonda humana, rasgou ao estudo páramos encantados, revelou á curiosidade imprevistos fabulosos, armou a observação de instrumentos estupendos, variou nos ao infinito o campo do trabalho. Mas, por isso mesmo, o adscreveu a uma prudencia, a uma temperança, a uma humildade, que encerram a cada trabalhador nos ambitos mais estreitos. As syntheses vêm a ser

agora de uma vastidão e complexidade inenarravelmente embaraçosas. As analyses, de uma particularização, uma severidade e uma delicadeza não menos exigentes. De sorte que, nessa immensidade incalculavel, balisada pela imaginação entre dois infinitos, o do invisível sidereo e o do invisível microbiano, o menor recanto, conscienciosamente explorado, basta a absorver as forças de um talento e a actividade de uma vida.

Quanto mais largas vastidões abrange o sab-r, tanto mais razão de serem modestos os seus cultores. A circumferencia visual se ensancha, á medida que a luneta do observatorio alcança mais longe. Mas o observador é um ponto, que se reduz cada vez mais no centro do horizonte sensível. Muito ha que alguém disse: "O sabio sabe que não sabe."

Considerae agora quanto mais discretos, quanto menos desvanecidos não devemos de ser os que não transpomos a condição ordinaria da mediocridade, e, como esses, os principiantes, os novos, as creanças, todos os que, no revolver desses latifundios, estão ainda á flor da terra. Não vos desacoroção do estudo, meus amigos: tão sómente vos acautelo da presumpção. Por menor que seja a safra intellectual de cada um, póde ser um the-soiro: um dia afortunado enriquece ás vezes o explorador. Nem só os laureados entre os demais, os que augmentam de novos cabedaes o patrimonio commum, se hão de ter por bem pagos da lida estudiosa. Saber estudar, possuir a arte de apprender, habilitar-se a navegar seguro por essas aguas e atravez desses escolhos, já é ser abastado nas posses, e ter aproveitado o tempo. Conhecer da natureza quanto seja mister, para adorar com discernimento a Deus, e governar com acerto a

vida, sobejamente compensa as maiores canceiras do entendimento, desde as porfias da escola até ás meditações do gabinete. Por distinctos, porém, que vos logreis fazer entre todos, ainda que o mundo vos enrame a frente de coroas, e o nome se vos grave entre os dos privilegiados na fama, não seja nenhum de vós confiado na sua sufficiência, nem da sua gloria se envaideça. Porque só ha uma gloria verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba, nem a fatuidade. Depois, a sciencia é grande, mas os scientes, na infinidade do seu numero, são pequeninos, como pequeninos são, contemplados do espaço, os maiores accidentes da superficie terrestre.

Mocidade vaidosa não chegará jamais a virilidade util. Onde os meninos camparem de doutores, os doutores não passarão de meninos. A mais formosa das edades ninguem porá em duvida que seja a dos moços: todas as graças a enfloram e coroam. Mas de todas se despiu, em sendo presumptuosa. Nos tempos de preguiça e ociosidade cada individuo nasce a regorgitar de qualidades geniaes. Mal esfloráram os primeiros livros, e já se sentem com força de escrever tratados. Dos seus lentes desdenham, nos seus maiores desfazem, e chocarream dos mais adeantados em annos. Para saber a politica, não lhes foi mister conhecer o mundo, ou tratar os homens. Extasiados nas phrases postizas e nas idéas resonantes, vogam á discreção dos enxurros da borrasca, e collaboram nas erupções da anarchia. Não conhecem a obediencia aos superiores e a reverencia aos mestres. São os arbitros do gosto, o tribunal das letras, a ultima instancia da opinião. Seus epigrammas crivam de

sarcasmos as senhoras nas ruas; suas vaias sobem, nas escolas, até á cathedra dos professores. E' uma superficialidade satisfeita e incuravel, uma precocidade embotada e gasta, mais esteril que a velhice. Deus a livre a esta de taes successores, e vos preserve de semelhantes modelos.

Sêde, meus caros amiguinhos, taes quaes o verdor florescente de vossos annos o exige: afervorados, entusiastas, intrepididos, cheios das aspirações do futuro e inimigos dos abusos do presente. Mas não vos reputeis o sal da terra.

Habituae-vos a obedecer, para apprender a mandar. Costumae-vos a ouvir, para alcançar a entender. Affazei-vos a esperar, para lograr concluir. Não delireis nos vossos triumphos. Para não arrefecerdes, imaginae que podeis vir a saber tudo; para não presumirdes, reflecti que, por muito que souberdes, mui pouco tereis chegado a saber. Sêde, sobretudo, tenazes, quando o objecto almejado se vos furtar na obscuridade avara do ignoto. Profundae a excavação, incauçaveis como o mineiro no garimpo. De um momento para outro, no filão resistente se descobrirá, talvez, por entre a ganga, o metal precioso.

Haveis de ouvir falar amiude em portentos e monstros, cuja capacidade nasce consummada e deslumbrante do seio materno, como Pallas da cabeça de Jupiter. O portento pagão se renova, entre nós, debaixo de todos os tectos. Cada familia se gaba de uma aguia. Triste illusão da paternidade mal equilibrada. Os genios são meteoros raros, nem sempre beneficos. E raramente serão fructos espontaneos da natureza: as mais das vezes os cria a paciencia e a perseverança. E' a assiduidade na educação methodica e systematica de

nós mesmos o que descobre as grandes vocações e amadurece os grandes escriptores, os grandes artistas, os grandes observadores, os grandes inventores, os grandes homens de estado. Não contesto a *inspiração*; advirto apenas em que é frequentemente uma revelação do trabalho.

Dos que nascem argentarios se fazem ordinariamente os prodigos inuteis e malfazejos. A cultura pertinaz e obstinada é que desentranha da gleba revêssa as vegetações luxuriantes, as florescencias maravilhosas, as fructificações opulentas, searas, pomares, rebanhos, metropoles, nações, estados, prole immensa desse casamento perenne, abençoado por Deus, entre a terra e o trabalho. Trabalhae, pois, mas persistentes, incessantes, como o sol de todos os dias e o orvalho de todas as noites. Ouvireis discorrer de grandes e pequenas nacionalidades, de imperios poderosos e republicas despreziveis. Tudo ahí é actividade, ou indolencia; tudo vae do trabalhar, ou não trabalhar. Não ha senão povos, que trabalham, e povos, que não trabalham. Se nós trabalhassemos, não veriamos, no Brasil, com os seus dezeseis ou dezoito milhões de habitantes, um territorio capaz de alimentar a população da China e uma natureza bastante a fartar metade da Europa, essa importação facticia e indizivelmente lamentavel das questões da miseria, que agoitam, no velho continente, os paizes exhaustos ou sobrepovoados.

Mas o trabalho é rude, ás vezes desabrido, ferrenho, desconversavel: não lisonjeia os seus neophitos, não ameniza as suas durezas, não condescende com as nossas debilidades. Mas é preciso encaral-o serenamente. Não conheceis esses corações meigos, francos, donosos, que um córtex de arvore enrugada



e sombria occulta aos olhos vulgares? Insisti, familiarizae-vos; e acabareis vendo, afinal, como o sobrecenho se desfranze, a aridez se orvalha, o amargor se adoça, e de onde se oirçava de obstaculos e antipathias a crespidão impenetravel, começam a soabrir inesperados favos, a abrolhar surpresas, a destillar mimos, a se tramar subtilmente de liames e caricias ineffaveis a rêde, que nos enlaça para sempre nas suas malhas. Fez-se carne da nossa carne: entrou da epiderme ao musculo, do musculo ao nervo, do nervo á medulla, ao coração, ao tecido pulmonar, ao oxygenio do sangue, á cellula cerebral, ramificando os fios imperceptiveis de vaso em vaso, entretecendo-os de fibra a fibra, atravessando-os de globulo em globulo, até se implantar em nós inseparavelmente, como a mais organica das nossas necessidades e o mais generalizado elemento da nossa vida. Eis o trabalho como o eu amo, como o eu sinto, como é mister, para regenerar o homem, para transformar os povos, para crear os moços.

Sómente a aquisição desta segunda natureza não se obtem sem o seu tirocinio especial, um pouco arduo nos primeiros começos, mas logo depois cheio de salutaes compensações. Evitae o perfunctorio, o superficial, o atamancado. Ousae sempre o que meditadamente resolverdes. Ultimae sempre o que tentardes. Proponde-vos a tarefa, estreita, moderada, circumscripita, segundo o vosso alento; mas esgotae-a, limae-a, poli-a. Não vos fique duvida, que não esquadrinheis; imperfeição, que não corrijaes. Tende por igualmente dignos de consideração assim os maximos, como os minimos defeitos; e não vos escape aresta, intersticio, aspereza, mancha, inharmonia. Não dissimuleis, em summa, com a vossa obra. Quando vos sahir das mãos, seja, até onde

puderdes, acabada. E, se dest'arte vos exercitardes algum tempo, tereis adquirido o grande habito, o habito salvador, o habito do trabalho serio, educativo, fertilizante. Praticae-o assim, que não vos arrependereis: será o creador da vossa fortuna, o ornamento do vosso nome, o consolo de vossa velhice. Mas, não começando nos annos juvenis, tarde será nos outros. Vegetareis então como o sapé das terras cançadas, entonado, exuberante, mas ocioso, bravio, damnhinho, symbolo da esterilidade satisfeita e ostentada ao sol.

Falára da Patria. Venho falar-vos do trabalho. Agora vos falarei no ideal.

Se vos eu dissesse que o ideal é a parte mais grave da realidade humana? Filhos desta casa, bem m'o comprehendereis. Como definir o ideal? O ideal não se define; enxerga-se por clareiras que dão para o infinito: o amor abnegado; a fé christã; o sacrificio pelos interesses superiores da humanidade; a comprehensão da vida no plano divino da virtude; tudo o que alheia o homem da propria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta, por uma contemplação pura, uma resolução heroica, ou uma aspiração sublime.

Disse o Christo que o homem não vive só do pão. Sim; porque vive do pão e do ideal. O pão é o ventre, centro da vida organica. O ideal é o espirito, organ da vida eterna. Entendei, como quizerdes, a eternidade e a espiritualidade. Se debaixo de uma ou de outra fórma, que será o ideal mais ou menos celeste, mais ou menos terreno, não as admittirdes, tereis reduzido os entes racionaes á animalidade. A politica experimental dos incredulos ainda não pode agenciar para o grande ensaio, no gremio da civilização, uma nacionalidade materialista. Até hoje,

os celleiros do genero humano, as terras onde loirejam as messes, onde florescem os linhos, onde se tecem as lãs, onde os rebanhos se renovam como a erva dos prados, são os que se fertilizam com o suor dos povos crentes. Esbulhal-os do seu ideal era mais difficil que banil-os das suas pradarias, dos seus armentos, das suas searas, dos seus linhares, das suas manufacturas. Porque, nesses povos, a consciencia domina todas as instituições e todos os interesses. A religião os fez livres, fortes e poderosos. Pela religião fizeram as suas maiores revoluções. A' sombra da religião fundaram os seus direitos. Tirassem a esses Estados o seu ideal, que restaria? Grandes construcções moraes, sem o cimento que as soldava. Tremendas forças sociaes, sem o freio que as continha. Massas enormes, sem cohesão que as detivesse, como os rochedos erraticos nas eras diluvianas, ou as aludes soltas pelos despenhadeiros dos Alpes. Quando o fratricidio separatista, nos Estados Unidos, abalou com uma guerra sem exemplo os eixos do mundo, lutava um interesse com um ideal. O ideal, que era a liberdade, esmagou para sempre o interesse, que era o captivo. Acreditaes que fóra do christianismo uma nação de Titães abrisse assim as proprias veias, para expiar e extinguir o crime da exploração de uma raça aviltada?

Ahi tendes, caracteristicamente, o valor pratico desse elemento imponderavel, mas decisivo, nos destinos humanos. Vêde o Oriente e o Occidente: são dois ideaes. Vêde a Palestina, Athenas, Roma: tres ideaes, moldando tres mundos. Vêde a idade média, a renascença, a revolução franceza, a emancipação americana: quatro epocas, individualizadas cada uma por uma idealização profana ou sagrada. E notae.

Na renascença o ideal pagão irradia pela terra as graças da Héllade; mas os prodígios de uma civilização gerada no culto exclusivo da belleza evocam do mesmo berço as artes mais gentis e os mais hediondos crimes. Na revolução francesa o ideal philosophico, ermando os altares, polluindo os templos, exterminando os sacerdotes, entrega a França á anarchia sanguinaria do Terror, cujas allucinações homicidas legitimaram como remedio providencial a tyrannia militar. Na emancipação americana o ideal christão funda uma constituição sem igual, uma democracia sem igual, uma prosperidade sem igual, uma potencia desmarcada e assombrosa, que, virtualmente enthronizada no protectorado de um continente, projecta a sua sombra sobre o outro atravez dos dois oceanos.

Esse o ideal que, em 1889, nos attrahiu. Notae bem, meus caros afilhados: o vosso paronympho não vem politicar neste recinto sagrado. Discuto uma questão essencialmente moral, e, como ella intimamente entende com os deveres do civismo, que, hoje em dia, entre os povos livres, se professam com as primeiras letras, não se pretenderá que eu me demasie, occupando-me, em uma collação de grau a bachareis, com as origens e os caracteres moraes da constituição brasileira. Uma constituição é, por assim dizer, a miniatura politica da physionomia de uma nacionalidade. Quando não seja, pois, um falso testemunho solemnemente levantado ao povo a que se destina, tem de lhe esboçar em grandes traços o sentimento geral. Seria elle positivista, atheista, indifferentista, no Brasil, quando tombou, em 1889, a monarchia, e se erigiu a republica em 1891? Ou teria a constituição de 24 de fevereiro rompido abertamente, em materia espiritual, com a indole

brasileira, impondo-lhe um pacto constitucional, que a opprima?

Ha, por ahi, uma feição peculiar de radicaes, emanação da França voltaireana, da França revolucionaria, da França jacobina, da França contista, que imaginou engendrar a theoria da nossa constituição á luz das tendencias francesas, das preoccupações francesas, das reacções francesas, das idiosyncrasias francesas. Mas, senhores, a constituição federalista do Brasil não tem a mais remota descendencia ás margens do Sena. Sua embryogenia é exclusiva e notoriamente americana. Ora, os americanos, por este lado, não devem nada á influencia francesa. Em 1789, quando a França abriu a era tormentosa das suas revoluções, dois annos havia que os Estados Unidos fruiam pacificamente a sua constituição actual. A celebre *Declaração de Direitos do Homem* é de 1791. A *Declaração* americana é de 1776. De 1791 foi a primeira constituição francesa. A primeira americana foi de 1787. De modo que os Estados Unidos precederam annos e annos a França no regimen das constituições escriptas e na declaração das liberdades humanas. A constituição francesa tinha a sua ascendencia na philosophia do seculo dezoito e no *Contracto Social* de Rousseau, com algumas indigestas reminiscencias inglesas, hauridas em Montesquieu. A americana, com uma estirpe de seis seculos no Tamisa, venerava a sua primeira avoenga na Magna Carta, as ultimas nas cartas coloniaes e nas constituições das colonias emancipadas, tudo genuina e directa progenie dessa liberdade inglesa, que nunca se separou da Biblia e da Cruz.

Verdade é que, se, alli, todos esses monumentos da era preconstitucional reconhecem mais ou menos

explicitamente a acção da Providencia no governo do mundo, a constituição americana, mãe, por adopção e identidade intima, da nossa, omitta o nome de Deus.

Mas isso não obsta a que, nos Estados Unidos, a religião seja a primeira das instituições politicas e sob essa constituição a vida religiosa tenha um amparo mais estavel e uma relação mais declarada com os grandes actos do Estado que noutra qualquer ponto da terra. "A religião, na America", escreve TOCQUEVILLE, "não participa directamente no governo da sociedade; mas é, comtudo, a sua mais alta instituição politica. E eu tenho por certo que os americanos consideram a religião indispensavel á mantença das instituições republicanas. Este juizo não é peculiar alli a uma classe, ou a um partido: pertence a toda a nação e a todas as situações sociaes".

Seus homens de Estado, seus legisladores, seus presidentes nunca se envergonharam de confessar alli esta verdade, mostrando, pelos actos mais insignes, de character official, que "a separação entre a igreja e o estado, tal qual se pratica naquelle paiz, não separou a nação do christianismo".

Quando a Convenção americana, de que a Convenção francesa foi antithese, labutava, entre escolhos temerosos, na tarefa da construcção constitucional, dia houve, em que todos os animos sosso-braram, parecendo irremediavelmente naufragada a tentativa de compor das colonias redimidias uma grande nação. Então, em momentos de inexprimivel tristeza, FRANKLIN se levantou, entre os constituintes, e disse: "Temos discorrido um por um todos os estados de Europa; mas nenhuma das suas constituições se adapta ás nossas circumstancias.

Posta esta assembléa em tal situação, como que ás escuras no buscar da verdade, e quasi incapaz de a discernir, quando a encontre,—como vem a ser que, até agora nos não tenha acudido soccorrermos ao Pae de toda a luz, exorando-lhe nos illumine o entendimento? Ao começar da pendencia com a Grã-Bretanha, quando os perigos nos traziam em sobresalto, celebravamos preces, todos os dias, neste recinto, implorando a protecção divina. Nossas supplicas, senhores, foram escutadas e dadivosamente correspondidas. Todos os que afanavamos no conflicto, amiudadas occasiões tivemos de observar a intervenção da Providencia em nosso favor. A essa Providencia generosa devemos este ensejo, que ora se nos offerece, de estarmos deliberando em paz sobre os meios de plantar a nossa futura prosperidade nacional. E havemos de esquecer agora esse patrocínio omnipotente? Ou cuidamos já não haver mister de que nos assista? Tenho vivido largos dias, senhores, e, quanto mais vivo, mais convincentes provas se me deparam desta verdade, que Deus superintende os negocios humanos. Ora, se uma avesinha não cae, sem que elle o saiba, como poderia succeder que se erija um grande imperio, faltando-lhe a sua ajuda! As sagradas escripturas nos asseveram que, “se Deus não edificar a casa, debalde se cançarão os que a constroem”. Eu firmemente o acredito. Permitti-me, portanto, alvitrar que, de ora avante, nesta assembléa, todas as manhãs, antes de encetarmos os nossos trabalhos, se façam preces, rogando a assistencia do Céu, as suas bençãos, e que, para officiar em tal serviço, convidemos um ou mais membros do clero.”

Nem era da bocca de um devoto, de um catholico fervente, ou de um rigido puritano, que se

exhalavam, no seio daquelle congresso politico, essas eloquentes homenagens á divindade. FRANKLIN professava a philosophia, sympathizava com os espiritos mais livres da França, e, na familia dos grandes investigadores scientificos, não teve, talvez, até hoje, successor em seu paiz.

Percorrei toda a serie dos grandes estadistas americanos, daquelles, em particular, que sopesaram as maiores responsabilidades do governo: nenhum esqueceu a Deus em horas solemnes. JEFFERSON mesmo, cujo espirito politico se educara sob o influxo das theorias francesas, e convivera intimamente, em França, com os chefes da incredulidade, o proprio JEFFERSON repassava de accents christãos as suas mais solemnes communicações ao congresso. Sua mensagem inaugural, em cujo curso alludia á “religião bemfazeja” e á “Providencia, que nos governa” terminava com esta supplica: “Queira esse Poder infinito, que rege os destinos do universo, guiar-nos as deliberações para o melhor, azando-lhes successo favoravel ao nosso descanso e prosperidade.”

WASHINGTON, antes d'elle, dera o exemplo memoravel. Pronunciando, em abril de 1789, a sua primeira fala ao congresso, nas palavras lhe reverberava a unction de um levita officiado no Tabernaculo: “Seria singularmente injusto omitir, no primeiro dos nossos actos officiaes, os meus fervorosos rogos ao Ser Omnipotente, que senhora o universo, que preside aos conselhos das nações, e cujo valimento providencial pôde supprir todas as deficiencias humanas, conjurando-lhe que as suas benções consagrem á liberdade e á boa ventura do povo dos Estados Unidos um governo por elle instituido essencialmente com esse intuito, e habilitem cada um dos instrumentos utilizados



na sua administração a exercer com acerto as funções do seu cargo. Rendendo este preito ao grande autor de todo o bem, publico e privado, certo estou de exprimir não menos os vossos sentimentos que os meus, e os dos vossos concidadãos em geral tanto quanto os meus e os vossos. Nenhum povo está em maior obrigação de reconhecer a mão invisivel, que ruma os negocios humanos, do que o povo dos Estados Unidos. Em cada uma de suas passadas para a independencia nacional como que se distingue o rasto da intervenção da Providencia... Na economia da natureza, a felicidade e prosperidade geraes andam indissoluvelmente associadas como solidas recompensas á honestidade e magnanimidade no governo. O céo não póde sorrir propicio á nação, que transgredir as normas eternas da ordem e do direito, pelo céo mesmo estabelecidas. ”

Sete annos depois, encerrando a sua carreira publica nessa Mensagem de Despedida, o celebre *Farewell Address*, meditada alli, depois, successivamente, por todas as gerações, como capitulo sagrado, o *pai dos Estados Unidos* lhes recommendou mais uma vez o espirito christão como primeiro mandamento do governo: “ De todas as inclinações e habitos que nos conduzem á prosperidade politica, os indispensaveis alicerces vêm a ser a religião e a moral. Em vão reclamaria o tributo do patriotismo aquelle, que trabalhasse por subverter esses grandes sustentaculos da felicidade humana, os mais firmes esteios de todos os deveres do homem e do cidadão. Os politicos não lhes devem querer menos que as almas pias... Conceda-se o que se conceder á influencia de uma apurada educação em espiritos dotados de prendas singulares ;

nem a razão, nem a experiencia nos deixam esperar que a moralidade nacional se preserve sem o concurso do principio religioso. ”

Assim compendiava todo o saber do seu genio e dos seus annos o estadista, que uma phrase consagrada aponta, na historia de seu paiz, como “ o primeiro na guerra, o primeiro na paz, o primeiro no coração dos seus conterraneos. ” Obra de sessenta annos mais tarde essa imponente fabrica, erigida pela sagacidade dos homens de 1787 e pela sabedoria de Washington, parecia abysmar-se num cataclysmo indescriptivel. A escravidão, o grande peccado contra o Evangelho, devorava numa catastrophe incomparavel aquella constituição, admirada por ingleses como o maior artefacto politico do cerebro humano. Um homem tinha então o leme da nave entre os macareus. Inteiro, destemido, grande, justo, era o typo nativo do americano, a personificação de um paiz, em suas maiores virtudes e seus melhores dotes, numa individualidade extraordinaria. E é para a divina justiça e para a divina misericórdia que elle estende as mãos, nesse transe quasi extremo de agonia. A sua segunda mensagem inaugural, “ documento sem paralelo entre os papeis de estado ”, toca o apice da eloquencia religiosa. “ Ambas as partes contendentes ”, diz elle, “ lêem pela mesma Biblia, e oram ao mesmo Deus, invocando cada qual o seu auxilio contra a outra. Pareceria extranho que ousassem impetrar o soccorro de Deus justo homens empenhados em amassar o seu pão com o suor de seus semelhantes. Mas não julguemos, por que não venhamos a ser julgados. Elle não poderia escutar as supplicas de ambos os contendores. Tambem não tem respondido inteiramente ás de nenhum. O Todo Poderoso

não nos descobre os seus designios. Ai do mundo pelo escandalo, visto que o escandalo forçosamente succederá; mas tambem ai do homem que o der. A suppormos que a escravidão seja um desses crimes inevitaveis na Providencia de Deus, mas que, tendo cumprido o seu tempo, Ella o queira agora eliminar, dando ao Norte e ao Sul esta guerra tremenda como punição daquelles por quem o escandalo veio, — onde ahi o desvio desses attributos divinos, que os crentes no Deus vivo sempre lhe reconheceram? Com ardor almejamos, obtestamos com fervor que de nós se afaste rapidamente calamidade tão horrenda. Se, comtudo, aprouver a Deus prolongal-a, até que a opulencia amontoada por duzentos e cincoenta annos de labor incessante do escravo se aniquile de todo em todo, e cada gotta de sangue vertida pelo azorrague se acabe de pagar com outra gotta de sangue derramado pela espada, força é redizermos, como, ha tres mil annos, se disse: *As sentenças do Senhor são verdadeiras e justas.*”

Será essa a linguagem de um dictador, ou a de um pontifice? Poucas semanas depois, em uma sexta-feira santa, por entre os hymnos da victoria que acabára de esmagar os escravistas, caia assassinado, como para sellar o triumpho com as ultimas gottas do sangue da expiação, o immaculado libertador, cujas palavras de humildade haviam offerecido a propria patria em holocausto á justiça divina. Ao horror solemne do attentado succedeu, não se sabe por que emoção mysteriosa, a apaziguação das paixões vingadoras. As ondas volveram abonçadas ao seu leito. O naufragio do escravismo repuzera a civilização americana no alveo da moral christã. A voragem havia tragado um milhão de vidas. Mas a liberdade salvára quatro

milhões de almas. A paz estava feita em nome do Christo.

Annos depois, morre victima de outro crime sinistro o Presidente Garfield, e a mensagem do seu successor, annunciando o infortunio publico, se embebe na unção dos pregadores: " Houve por bem o Senhor, na sua insondavel sabedoria, arrebatarnos o presidente dos Estados Unidos. A dôr profunda, que transborda de todos os corações, deve se elevar, de impulso unanime, ao throno da graça infinita. Acurvados sob a mão do Todo Poderoso, busquemos nella a santificação do nosso luto e a consolação, que, por esta perda, nos for servido conceder. "

O anno de 1876, festeja a Republica, entre demonstrações magnificas, o centenario da independencia americana, e o logar supremo na gratidão nacional é offerecido ao Senhor. O senado e a camara dos representantes, reunidos em congresso, proclamam " com adoração, em nome do povo inteiro, que Deus tem sido, para elle, a fonte e o manancial, o autor e o distribuidor de todos os bens. "

Festeja-se em 1887, com solemnidades que atrahiram a attenção e a concurrencia do orbe inteiro, o centenario da constituição dos Estados Unidos. Abre a grande cerimonia o bispo catholico Potter, de Nova York, com uma admiravel invocação a Deus, que termina pelas singelas expressões do Padre Nosso. Só após d'elle fala, presidindo, o presidente da republica, e, ao concluir, alludindo á imagem do sol, debuxada, um seculo antes, sobre a cadeira que Washington occupava quando os delegados estaduaes firmaram a constituição, assim se enuncia: " Estamos agora no mesmo logar, onde este sol rompia das trevas politicas, e á resplândescencia da sua luz meridiana lhe traçamos hoje o curso glorioso.

Seus raios por vezes se toldaram de nuvens. Formidaveis borrascas nos encheram de medo. Mas Deus o conteve na sua orbita, e com o seu calor vivificante obrou o mais recente dos seus milagres, creando a maravilha desta terra e a maravilha deste povo. Quando volvemos os olhos cem annos atrás, attentamos na origem da nossa constituição, e a contemplamos, já nas provações, já nos triumphos; quando vemos como os principios, onde ella estriba, cabalmente remediaram a todas as necessidades nacionaes, e obviaram a todos os perigos nacionaes, sentimo-nos levados a repetir devotamente com Franklin: "Deus guia os negocios humanos." Outros oradores se ouviram em seguida. Mas quem encerra a festividade é a religião. O cardeal Gibbons pronuncia a oração final, e, por ultimo, um sacerdote despede os fieis com a benção *em nome de Nosso Senhor Jesus Christo*.

Dois annos mais tarde perfaz um seculo de inaugurada a presidencia dos Estados Unidos na pessoa de Washington. Seu successor, no termo do cyclo secular, é o presidente Harrison. E de que modo assignala este essa data inolvidavel? Convidando com uma proclamação o povo a se congregar todo em acção de graças ao Senhor: "Reunam-se, ás 9 horas do dia, os cidadãos de todas as religiões, nos edificios ordinarios de seu culto, afim de rogar a Deus favoreça o povo com as dadivas da liberdade, prosperidade e paz, guiando-o pelo caminho da justiça e do bem."

E' um dos exemplos desse mavioso costume nacional, que nasceu com a nacionalidade americana. Em 1789, a sollicitações formaes do congresso, Washington proclama ao povo, exhortando-o a se unir unanime em um profundo sentimento de gratidão para com "o glorioso autor de todo o bem que houve e haverá."

Aprazava o presidente o dia votado ás acções de graças geraes “ em honra do Soberano e Arbitro das nações, para lhe agradecer humildemente as infinitas misericordias e as mercês insignes, de que se comprouvera em cumular o povo americano. ”

E até hoje o dia de acção de graças é a grande festa annual da nação, naquelle paiz. Assim é que os americanos commemoram, anno a anno, o desembarque dos primeiros peregrinos, dos primitivos fundadores da sua nacionalidade, nas costas do Maryland, reconhecendo a Deus, nas palavras da proclamação de Harrison em 1891, “ os beneficios de sua Providencia, a tranquillidade em que ella lhes tem dado saboreal-os, a conservação das liberdades civis e religiosas, que a sabedoria della induziu os seus maiores a estabelecer, e tem auxiliado os seus descendentes com a força de preservar. ”

Assumindo, em 1893, a presidencia dos Estados Unidos, Cleveland jura, osculando a Biblia. Sua mãe lhe dá, quarenta annos antes, um exemplar do livro sagrado. Levão-lh'o ao Capitolio, e sobre esse é que o novo presidente, na grande solemnidade official, repete o juramento de seus antecessores. Taes os auspícios sob que se pronuncia o seu discurso inaugural, onde sobresaie a invocação a Deus: “ Quando considero quanto me excede as forças a tarefa, que ora se me impõe... o que me preserva de esmorecer, é, sobretudo, a certeza de que existe um Ente Supremo, que dirige as cousas humanas, e, assim com a sua bondade, como com a sua misericordia, sempre acompanhou o povo americano. Fio que elle agora se não arredará de nós, se lhe buscarmos, humildes e reverentes, o auxilio poderoso. ”

E' desta maneira que se empossam, nos Estados-Unidos, os presidentes da republica.

Veda a constituição, de todo, alli, como aqui, aos poderes federaes qualquer alliança entre a igreja, e o estado: circumvalla entre este e aquella a separação mais completa. Mas os actos mais solemnes do governo invocam o nome de Deus. Os generaes em serviço de guerra imploram, deante das tropas, "a bondade tutelar dessa Providencia que encaminha individuos e nações." A' voz do presidente se reúne todos os annos, em dia certo, a nação inteira, a render graças ao Eterno. As sessões do Congresso, nas suas duas camaras, se abrem e encerram diariamente com as preces de um sacerdote. O senado tem o seu capellão; tem o seu a camara dos representantes, um e outro eleitos por essas duas assembléas. Têm-nos, ainda, nomeados pelo presidente, as prisões, os hospícios de alienados, as escolas militares, o exercito e a marinha, até vinte e quatro para este, e para aquelle trinta e quatro. A propriedade ecclesiastica não se tributa, no districto de Columbia, nem nos estados. O juramento, nas instituições federaes, como nas estaduaes, se defere sobre a escriptura sagrada aos que não a rejeitam. As leis da União, como as dos estados, consagram o descanso dominical. Numa das suas ordens do dia, Lincoln, como general em chefe do exercito e da armada, no meio da terrivel guerra civil em que periclitou a existencia da União, impunha rigorosamente ás suas forças a obediencia a esse preceito. "O general espera e confia", dizia elle, "que cada official e cada praça buscarão viver como convem a soldados christãos, afanados em lutar pelos mais caros direitos de sua terra." Nas escolas neutras, enfim, o horario profano abre espaço ao ensino religioso, distribuido

pelos ministros dos varios cultos nos proprios recintos escolares.

Alli não se divisa nesses factos o minimo aggravo á secularidade legal das instituições. O que lá se não toleraria, nem a nossa constituição tolera, é estabelecer distincções legaes entre confissões religiosas, sustentar a instrucção ou o culto religioso á custa de impostos, obrigar á frequencia dos templos ou á assiduidade nos deveres da fé, crear embaraços de qualquer natureza ao exercicio da religião, contrariar de algum modo a liberdade de consciencia, a expressão das crenças, ou a manifestação da incredulidade, nos limites do respeito ás crenças e á liberdade alheias. Mas “nenhum principio de direito constitucional se quebranta”, diz um grande juriscônsulto americano, o juiz Cooley, “quando se fixam dias de acção de graças e jejum, quando se nomeiam capellães para o exercito e a marinha, quando se abrem as sessões legislativas, orando, ou lendo a Biblia, quando se anima o ensino religioso, favorecendo com a immuniidade tributária as casas consagradas ao culto.”

Vêde se anda fóra da logica o bom senso americano. O estado exige de todos os cidadãos o imposto de sangue. Ninguem lh'o póde recusar, a titulo de que o seu credo o aborreça. Ao reclamo desse dever se alistam os exercitos e tripulam as esquadras. Mas esses lidadores, que se aprestam a morrer, nos campos de batalha, ou nas vagas do oceano, pela segurança, pela integridade, pela honra nacional, não abjuráram, vestindo as armas, a consciencia religiosa. Levam consigo a sua fé, o seu Deus, as suas esperanças na immortalidade, o culto de seus paes. Este lhes lembra todos os domingos o sacrificio christão, lhes fala, nas tribulações, do conforto espi-



ritual, lhes evoca, em presença da morte, os compromissos eternos de sua alma. Quem lhes ha de ministrar, nos quartéis, nas escolas militares, nos vasos de guerra, os officios divinos? Quem, no leito do hospital, ou entre o fogo dos combates, lhes dará os soccorros do céo? Quem? se a lei fechar os estabelecimentos militares aos ministros do Evangelho? se as forças, que marcham para a guerra, não se acompanharem de ministros da religião? se a rigidez das obrigações militares não conhecer os mandamentos supremos da vida christã? Ha de o soldado fiel pagar, do soldo, ou da etapa, os seus capellães? Póde o soldado moribundo, na tenda, ou no campo, mandar por elles ao povoado? De onde acudirá o valimento apostolar ao marinheiro, que expira na solidão dos mares, ao conscripto que agoniza nas refregas de uma campanha entre as armas da patria e as do inimigo? Se o marinheiro e o soldado têm direito á medicina do corpo, e ao estado incumbe o dever de lh'a supprir, como não terá direito o soldado, o marinheiro á cura da alma, e ao governo poderá ficar o arbitrio de não lh'a dar? A que titulo o civismo, vestindo-me a blusa, ou a farda, me sequestra ás relações religiosas, e, sobre me exigir o sacrificio da vida, me impõe a morte do athen?

Assim banir do quadro militar, em nome da liberdade, o elemento religioso, é estabelecer, debaixo desse nome, a mais odiosa das servidões, e pagar com a ingratição suprema os serviços do marinheiro e do soldado. Os americanos abominariam essa falsa egualdade; porque homens realmente livres não se pagam de formulas mentidas, e acima de tudo exercam a oppressão, que se abrigue sob hypocrisias de especioso liberalismo. Não quizeram, pois, animalizar o homem de guerra. Viram, claramente viram, que a

multidão armada, sem o freio do respeito christão, é como as feras domadas, que acabam fatalmente por devorar os domadores.

Estudem o desenvolvimento da criminalidade militar entre nós, e hão de verificar, tenho por certo, que a delinquencia adquiriu, nessa esphera, expansão notavel e crescente, desde que se varreu dos quartéis a influencia civilizadora do culto. Os nossos exercitos de mar e terra constituem, hoje, a este respeito, pela mais errada intelligencia das nossas liberdades constitucionaes, uma excepção absurda entre os povos civilizados. Das coisas sérias, em nossa terra, por via de regra, não se cogita. Mas o soldado brasileiro ha de sentir um dia que o estão desnaturando, e tomará nas proprias mãos, pacifica, mas resolutamente, a causa da sua reconciliação religiosa. Ou então, ai de nós! quando o atheismo de fuzil e baioneta se inflammar nas explosões da crueldade.

Nos Estados Unidos não se conhece esse risco; porque o seu senso politico, incapaz de taes eclipses, sempre lhes mostrou que a disciplina da terra não se mantem sem a disciplina do céo, e o seu senso liberal os convenceu de que brutalizar o uniforme no abandono da religião era conferir á incredulidade os privilegios recusados ao culto.

Ahi está por que o constitucionalismo americano repelle essa uniformidade athêa, cuja superstição professa a republica no Brasil, e que não estava de certo nos intuitos dos seus fundadores. Desde 1876 que eu escrevia e prégava contra o consorcio da Igreja com o Estado; mas nunca o fiz em nome da irreligião: sempre, em nome da liberdade. Ora, liberdade e religião são socias, não inimigas. Não ha religião sem liberdade. Não ha liberdade sem religião. “O despotismo é que passará sem a fé: a liber-

dade não passa”, dizia Tocqueville, edificado pelo espectáculo dos Estados Unidos. “A religião”, insistia, “é muito mais necessaria nas republicas do que nas monarchias, e muito mais ainda nas republicas democraticas do que em todas as demais. Como não houvera de perecer a sociedade, se, afrouxando o laço politico, não estreitasse o vinculo moral? E que será de um povo, senhor de si mesmo, se não fôr submisso a Deus?” E’ a mesma impressão que o abalava, a esse grande pensador politico, ao estudar *O Antigo Regimen e a Revolução*: “O povo, se quizer ser livre, ha de ter convicções religiosas. Em não tendo fé, servirá.” Essas as idéas que nos propelião, ha dezoito annos, quando vimos o padroado imperial encarcerar os bispos. Assim como não admittiamos o Estado captivo á Igreja, não podiamos admittir a Igreja captiva ao Estado.

Foi sob esse pensamento que adoptamos a constituição de 1891. Tinhamos, então, os olhos fitos nos Estados Unidos; e o que os Estados Unidos nos mostravam, era a liberdade religiosa, não a liberdade materialista. Naquelle paiz a incredulidade possui tambem o seu grupo, que advoga a tributação dos cultos, a suppressão dos capellães, a abolição de todos os serviços religiosos eusteados pelo Thesoiro, a extincção do juramento, a substituição, nas leis, da moral christã pela moral natural. Mas esse programma, formulado alli ha trinta annos, definha enkystado na seita que o concebeu. “Nós somos um povo christão”, dis o juiz Kent, um dos patriarchas da jurisprudencia americana “e a nossa moralidade politica está profundamente enxertada no christianismo.”

Esse facto precedeu á constituição, alli e aqui. Aqui, como alli, esse facto subsiste sob a consti-

tuição. Ella o não podia destruir, porque, lá e cá, era, nas duas nações, a grande realidade espiritual. Na republica Norte Americana a superficie moral do paiz estava mais ou menos egualmente dividida entre uma variedade notavel de confissões religiosas. No Brasil o catholicismo era a religião geral; o protestantismo, o deismo, o positivismo, o atheismo, excepções circumscripitas. De modo que, emquanto nos Estados Unidos a egualdade religiosa constituia uma necessidade sentida, mais ou menos, no mesmo grau, por todas as communhões, entre nós ella representava tão sómente aspirações da minoria. A liberdade de cultos veio satisfazer, em boa justiça, á condição oppressiva dessas dissidencias maltratadas pela exclusão official, mas não invertel-a contra a consciencia da maioria. Se, nos Estados Unidos, avultava no maior relevo “o facto de que o christianismo era, e sempre foi, a religião popular” (são palavras de um magistrado americano), no Brasil esse facto não tinha vulto menos proeminente.

As constituições não se adoptam para tyrannizar, mas para escudar a consciencia dos povos. “A nossa constituição”, diz um escriptor americano, que tratou *ex-professo* o assumpto, “a nossa constituição não creou a nação, nem a religião nacional. Achou-as preexistentes, e estabeleceu-se com o intuito de *as proteger* sob uma fórmula republicana de governo.” Ora, a condição de nós outros é idêntica, por este lado, á dos Estados Unidos. Antes da republica existia o Brasil; e o Brasil nasceu christão, cresceu christão, christão continua a ser até hoje. Logo, se a republica veio organizar o Brasil, e não esmagal-o, a fórmula da liberdade constitucional, na republica, necessariamente ha de ser uma fórmula christã. As instituições de 1891 não se des-

tinaram a matar o espirito religioso, mas a depural-o, emancipando a religião do jugo official. Como aos americanos, pois, nos assiste a nós o jus de considerar o principio christão como elemento essencial e fundamental do direito brasileiro. Nesta verdade se encerram todas as garantias da liberdade e todas as necessidades da fé.

Adoptando este regimen, escolhêmos surtidoiro, onde nos abrigassemos dos temporaes, que, na Europa, com escandalo das almas e ruina dos estados, convulsam o mundo politico e o mundo espirital. Onde se conceberia, nos Estados Unidos, e enormidade monstruosa de medidas como essas, que entristecem e dividem a grande e agitada França, renovando as antigas proscripções revolucionarias? Quem se atreveria a propor, nos Estados Unidos, que se retirasse ás congregações religiosas o direito de ensinar!

Do clero francez, proscripto nos fins do seculo XVIII pela revolução, se destacaram os primeiros missionarios da fé na America do Norte. "As pedras da igreja de França em ruinas serviram para edificar a igreja dos Estados Unidos".

Os jesuitas, expulsos do territorio francez pelas commoções do Terror, foram constituir na terra de Washington o nucleo inicial do clero romano. A esses padres, com os franciscanos, cabe a honra de terem sido os primeiros apostolos da America Septentrional. O mais antigo dos textos que alli consagraram a liberdade dos cultos, data de 1649, na legislação catholica do Maryland, estabelecido em 1632 por uma colonia de catholicos ingleses, sob a direcção espirital de dois jesuitas. Elles haviam entrado nos primitivos lares da nação americana, levando comsigo a liberdade, que o protestantismo

ainda não conhecia. O primeiro prelado americano foi um filho proscripto de Santo Ignacio, o arcebispo Carroll, que, organizando o catholicismo americano, reservou á sua ordem a educação da mocidade. Abolida então na catholicidade inteira, a Companhia dos descendentes de Loyola se reconstituia, em 1806, ás margens do Potomac, onde, ainda ha poucos annos, inaugurou, perto do Capitolio, o collegio de Georgetown, irmão norte-americano do collegio Anchieta. E, emquanto a religião de S. Francisco alli conta não menos de 44 mosteiros, a Sociedade de Jesus, que no começo do seculo XIX tinha, nos Estados Unidos, escassamente quatro ou seis membros, hoje, derramada por todo o paiz, numera cerca de 1.400, quasi todos americanos.

De maneira que perto de um decimo da totalidade dessa milicia espiritual, espantallo dos chamados *espíritos fortes* nas monarchias illiberaes do outro e nas adulterinas republicas deste continente, se agglomera actualmente no paiz de Guilherme Penn e Benjamin Franklin. A liberdade americana, bem longe de se assustar, os agasalha. Nem o protestantismo, nem o liberalismo, por lá, se arreceiam do progresso catholico, adeantado a passos gigantescos. Em 1784 mal registrava alli a igreja romana 45.000 almas; em 1890 pastoreava nove milhões de fieis. Em Nova-York, o estado mais refractario á liberdade religiosa, aquelle onde, ainda em 1806, os catholicos incorriam em incapacidade politica, o suffragio catholico domina, presentemente, os comicios populares, e a caridade catholica dispõe de um patrimonio colossal. Em Boston, a velha cidade *quaker*, no coração da antiga intolerancia puritana, catholica é metade da população, e os padres catholicos penetram nos hospitaes e nas prisões do estado. A

igreja catholica, dividida, no territorio americano, em oito mil parochias, custeava alli, vae já por quatorze annos, cerca de trez mil e duzentas escolas. Escriptores americanos confessam que “ ella exerce uma acção muito mais ampla e poderosa que as outras communhões, e que com a força por ella desenvolvida só rivaliza a do governo. Todas as ordens e congregações instituidas na Europa florescem á maravilha no territorio da União. Tamanha é a autoridade do clero, que, chamado, ha quinze annos, a inaugurar, ante o presidente Harrison, o edificio da exposição de Nova-York, o arcebispo dessa diocese qualificava de “intoleravel a immoralidade dos politicos actuaes”, estigmatizava as promoções e honras tributadas “aos corruptores do eserutinio”, e dizia que Washington, apezar do seu genio de estadista e capitão, “não alcançaria, hoje, provavelmente, fazer-se eleger á presidencia do congresso, ou a qualquer outra funcção dependente da machina eleitoral.”

Cuidaes que, tomando essas liberdades em presença do chefe da nação, viesse aquelle bispo a curtir censuras e affrontas, como noutros paizes lhe houvera de succeder? Bem ao contrario, o que lhe coube, foi um signal immediato de apreço do presidente Harrison, que, ao regressar da solemnidade, honrou com o chamado a um cargo federal o irmão do severo prelado.

El quereis ver como o mesmo protestantismo encara essa expansão da igreja romana? Nas festas commemorativas da independencia americana, em S. Francisco, ha dezessete annos, um pastor protestante, recordando, na sua predica, posterior á missa pontifical, que a fundação da California tinha sido “um commettimento religioso, obra do cathõ-

licismo”, disse: “Sim, como protestante me empenho em consignar que exulto com o vigor e prosperidade da igreja catholica. Predizendo que, dentro em cem annos, ella será mais poderosa que nunca, é o meu coração que dicta as minhas palavras. Quando nella considero a mãe de toda a civilização moderna e a matriz de todas as instituições livres, humildemente imploro ao Soberano. Senhor lhe permitta colher, neste paiz de homens livres, as mais copiosas e opulentas messes.”

Assim se desvaneceram as desconfianças reciprocas e os mutuos resentimentos entre a religião e a liberdade. O espirito catholico adquiriu, nessa atmosphera, a transparencia, a pureza, a dilatação fina, leve e saudavel do ambiente nas grandes altitudes tranquillias e sobranceiras. A experiencia generosa e leal da egualdade religiosa incutiu, a um tempo, nos entusiastas do progresso e nos devotos da tradição o mais profundo amor da liberdade e o sentimento mais vivo da necessidade de sua alliança com o culto de Deus. De sorte que, emquanto protestantes rejubilam com a diffusão da vida christã na pujança do catholicismo, como acabaes de ouvir, eminencias das mais elevadas na igreja romana dão aos impios, com um desinteresse e uma sublimidade apostolares, lições divinas de respeito á consciencia humana. E' o que ides ver num caso notavel. Tendo-se aberto, ha annos, em Baltimore, uma escola dominical anti-christã, varios membros do clero protestante instaram com a autoridade local pela suppressão dessa cadeira de infidelidade. E quem se havia de interpor, contradictando semelhante medida? A mais alta dignidade catholica nos Estados Unidos, o cardeal Gibbons, cuja eloquente defesa do direito na pessoa dos



hereses merece perpetuada em lettras indeleveis. “Sem examinar”, escreveu elle “que direito assiste ás autoridades eivis de se ingerirem no assumpto, não me parece que a esta disposição anti-religiosa haja remedio nos meios repressivos. A coacção não converte o homem: voluntariamente é que elle ha de render a cidadella de sua alma. Outra coisa não faz a coerção que recolher o veneno ao interior do corpo social, onde vae fermentar em secreto. Nosso Divino Salvador nunca invocou a espada em soccorro de sua doutrina.”

Dirão, talvez, que facil é louvar os athenienses em Athenas, e ser, na America, americano. Mas este não era o caso desse principe da Igreja; porque, chamado á Santa Sé, para receber o capello, o cardeal Gibbons proferiu, em Roma, do alto do pulpito, a mais grandiosa apologia da constituição americana, magnificando triumphalmente as vantagens colhidas pelo catholicismo, naquella republica, da liberdade dos cultos e da separação entre a Igreja e o Estado. Não differia então a sua linguagem, ante o Summo Pontifice, da que o celebre prelado americano falou em Philadelphia na commemoração do centenario constitucional: “A constituição dos Estados Unidos merece insculpida em caracteres de oiro. Essa carta assegura a liberdade a sessenta milhões de homens, e perpetuará, no porvir, sob a mão da Providencia, a felicidade temporal de innumeraveis milhões de creaturas.”

Faz quatorze annos que se solemnizava em Baltimore o centenario da inauguração do episcopado catholico na federação Norte Americana. Nunca o progresso e a liberdade escutaram ovações mais festivas, hymnos mais jubilosos. Nunca o Supremo Bemfeitor do genero humano se viu

mais ardentemente louvado no contentamento das suas creaturas. “Amemos”, dizia, entre essas galas do culto, no officio da tarde, o arcebispo de S. Paulo, “amemos o nosso seculo e aparelhemos o que se avizinha. Amemos ao nosso seculo, como a quadra assignada por Deus ao nosso labor. Saibamos-lhe discernir as tendencias atravez das agitações. Aspira elle á luz, á liberdade, á fraternidade entre os homens. Quando, caminho do seu objecto, aconteceu que se desgarrasse, a igreja lhe condemnou os transvios. Mas á igreja incumbe tambem dar-lhe a mão, por que elle venha a preencher o seu destino. Accorra ella ao encontro do povo, ensine ao capital os seus deveres para com o trabalho. Proporcione satisfação legitima aos sentimentos populares. Por fazer lhe resta maior jornada que a já feita: mais almas ainda lhe estão por colher do que as já colhidas. Ainda não se acha com ella a maioria. Coube ao seculo dezenove a tarefa de implantar a igreja catholica nos Estados Unidos; o vigesimo seculo terá em sorte fazer catholico o povo dos Estados Unidos. Avante a egreja. Avante catholicos. *Go ahead.*”

Esses accentos preludiaram a uma immensa assembléa leiga, cujas sessões expuzeram a flor da catholicidade americana, reunida por aquelle sopro que transpõe montanhas, das raias do Canadá ás do Mexico, das praias de um ás de outro oceano. E, quando aquelle congresso acabou, deixando nos animos a impressão da sua inaudita magestade, um organ protestante, da mais alta consideração naquella terra, o *New York Herald*, não se teve que não exclamasse, assombrado: “Se os deputados ao congresso de Baltimore constituem a representação exacta da sua communhão, se este escol

deixa após si um povo, que se lhe assemelhe, sentido! catholico será em meio seculo todo este paiz.”

Não me atreverei a dizer que esse prognostico optimista não exaggere, bem que assaz para notar seja o espontaneo accordo entre o zelo da apreciação catholica e o espanto do testemunho protestante. Certo é, porém, que não podia ter mais estrondoso desmentido a noção vulgar de que o catholicismo é um culto decadente e uma religião esterilizadora.

O protestantismo não contará, talvez, em parte nenhuma, um clero capaz de competir com o clero protestante nos Estados Unidos. O hymno triumphal de Webster, no seu famoso discurso do processo Girard, ao sacerdocio americano, ainda não desmereceu em actualidade. Elle continua a culminar alli acima das lettras, acima da politica, acima da magistratura, como a grande cadeia moral, cujas summidades reverberam á terra a claridade do céu. E é com essas alturas que se apostou o clero catholico, é com ellas que se mede, alargando todo o dia a sua base, elevando todo o dia os seus topos, como se a incandescencia de um grande trabalho interior, no seio obscuro das almas, se apparelhasse a transformar alli a superficie do mundo espiritual.

Ei-lo, eis ahi o ideal no seu resplendor meridiano. Graças a elle, não se converte em putrefacção destruidora a seiva desse industrialismo, que fermenta em productos venenosos e espurios na sociedade americana, como o humus, fundamente saturado em detritos organicos, do Nilo ou do Amazonas. Vós, meus caros amiguinhos, a quem tocará, espero, formar o porvir brasileiro, quando eu já durma, sob as preces de meus filhos, no tumulo de meus paes, á sombra da sua religião, não deis as

costas ao Norte. Lá está o salvamento. Essas instituições todas, que pretendemos trasladar a esta terra, são a lettra morta, á espera da vida, o envoltorio material á espera da alma, a machina á espera do homem. O homem é o espirito fecundado na intima fusão da liberdade com a fé. O contagio francês ha de sitiar-nos, para nos envolver no seu torvelinho funesto. Lembrae-vos entao de mim, se eu ainda for lembrado, e resisti. Porque eu contribui para esta Constituição mais do que esses. Quando vos falarem nas restricções, nas suppressões, nas proseripções, attentae de vagar nessa França, que em espasmos periodicos as abraça, e nunca experimentou a tranquillidade, nesses Estados Unidos, que nunca as conheceram, e prosperam numa grandeza cuja enormidade parece abrir excepção ás leis naturaes, e, por derradeiro, em nós mesmos, no nosso proprio passado.

Duas vezes, quando menos, entre nós, o braço secular provou forças contra as crenças da nação: uma nos tempos coloniaes, outra nos tempos imperiaes. Da ultima a coroa brasileira sentou o episcopado brasileiro no banco dos réos, sem outro fructo que a mortificação das almas, e, afinal, a capitulação do regalismo. Da primeira foi o golpe do marquez de Pombal. E onde pararam os seus effeitos no Brasil? Diga a eloquencia poderosa de Eduardo Prado, na sua bella conferencia acerca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira: "Com a expulsão dos jesuitas, no seculo passado, a civilização recuou centenas de leguas dos centros do continente africano e do Brasil. As prosperas povoações do Paraná e do Rio Grande caíram em ruinas; os indios volveram á vida selvagem; as aldeias do Amazonas despovoaram se, e, até hoje, reinam a so-

lidão e o deserto, onde havia já a sociabilidade humana. Em nossos dias as bandeiras de Inglaterra, da Allemanha, da Belgica, ou da França tremulam, em Africa, sobre as ruinas de edificações religiosas, num solo que seria portuguez, se não tivessem sido largadas ao abandono e votadas ao esquecimento aquellas terras, onde, pelos missionarios, dominava Portugal."

Não ha um só desses excessos da intolerancia, que não affligisse, empobrecesse e barbarizasse, que não enxovalhasse, desnaturasse e arruinasse as nações, a quem a razão de estado os haja imposto, sob os despotismos antigos ou modernos. Que differença existirá, moralmente e socialmente, entre o despotismo de um monarcha luzitano proscrevendo os Judeus e o despotismo de um ministro portuguez banindo os Jesuitas? Que differença entre o absolutismo da coroa de França perseguindo os huguenotes e o absolutismo da Republica Francesa expellindo as congregações religiosas? O pretexto é sempre o dever religioso, o dever politico, ou o dever liberal. O resultado, o anniquilamento da liberdade, a enthronização da força, o martyrio da consciencia christã.

Felizmente, nos achamos pelo nosso direito fóra da região desses cyclones. Mas bem fragil barreira são as constituições, quando os povos não firmam debaixo dellas o seu tecto.

O povo brasileiro, está, por ora, ausente da nossa. Ainda não assentou alli morada. Se conseguirmos que o faça, ha de ser por obra das gerações novas, cujos representantes sois. Mas essas mais não farão que acelerar o curso da nossa decadencia, descer apressadamente o ingreme declive, se não se retemperarem nas fontes perennes do verbo christão. To-

dos os mandamentos se encerram naquelle que subordina o amor dos homens ao amor de Deus.

Ora, o amor de Deus impõe ás nações o dever de não corarem da sua fé, e nella se reconstituirem ; que outro meio não ha de se rehabilitarem nos costumes e se consolidarem na liberdade.

Não é a soberania do povo o que salva as republicas. Não são as urnas eleitoraes que melhoram os governos. Não é a liberdade politica o que engrandece as nações. A soberania do povo constitue apenas uma força, a grande força moderna, entre as nações embebidas na justa aspiração de se regerem a si mesmas. Mas essa força popular ha mister dirigida por uma alta moralidade social. As eleições mudam os governos, mas não os reformam. As liberdades politicas não têm por objecto satisfazer a vaidade dos cidadãos, entregando-lhes em fracções dispersas o sceptro do poder. O verdadeiro destino dessas liberdades está em revestirem e abroquelarem as liberdades civis, isto é, os direitos da consciencia, da familia e da propriedade. Essas tres categorias de direitos ancoram na palavra divina, a saber, na divina constituição do homem. Mas só os povos religiosos os têm definido e praticado seriamente, ao menos no que respeita á consciencia e á familia. Só entre elles o santuario é inviolavel. Só entre elles a mulher não pára em debil instrumento do outro sexo. Só entre elles a liberdade de testar consagra a autoridade paterna, depura o amor filial e offerece ao trabalho estimulos incomparaveis. Só entre elles, pelo direito de reunião e pelo direito de associação, consubstanciados na vida quotidiana, se pratica em escala realmente bemfazeja a grande caridade, e as classes possuidoras se misturam, pela beneficencia mais profusa, ás classes laboriosas. Eis os elementos

fundamentaes do Estado christão. A Inglaterra e os Estados Unidos são os seus dois grandes typos e os seus dois soberbos resultados.

As formas politicas são vãs, sem o homem que as anima. E' o vigor individual que faz as nações robustas. Mas o individuo não póde ter essa fibra, esse equilibrio, essa energia, que compõem os fortes, senão pela consciencia do seu destino moral, associada ao respeito desse destino nos seus semelhantes. Ora, eu não conheço nada capaz de produzir na creatura humana em geral esse estado interior, senão o influxo religioso. Nem o atheismo reflexivo dos philosophos, nem o inconsciente atheismo dos indifferentes são compatíveis com as qualidades de acção, resistencia e disciplina essenciaes aos povos livres. Os descrentes, em geral, são fracos e pessimistas, resignados ou rebeldes, agitados ou agitadores. Mas ainda não basta crer : é preciso crer definida e activamente em Deus, isto é, confessal-o com firmeza, e pratical-o com perseverança.

Vão-se-vos abrir as portas das Faculdades, e por ellas ides entrar a um plano mais conspicuo do mundo. Até hoje vos desenvolveu, no retiro destas paredes, o desvelo continuo dos vossos educadores. Agora começa para vós a notoriedade, o tablado, a praça. Ahi vos espera a sciencia convencional de ignorantes e doutos. Aos seus olhos sereis, por algum tempo, objecto de curiosidade. Quererão avaliar até onde calou realmente em vós a penetração do sentimento religioso, pesar a sinceridade dos vossos habitos christãos, calcular-lhes a estabilidade contra as reacções do meio, que ides habitar. Naturalmente hão de acabar conjecturando que a obra delicada e custosa da vossa educação christã não tardará em se fundir nesse desprezo ambiente dos deveres supre-

mos, que nos caracteriza. Nos cursos superiores, ao subir-lhes de anno em anno os graus successivos, raro ouvireis palavras erentes. Muitos sorrirão da vossa ingenuidade escolar. Alguns vos emprazarão para uma breve e cabal mudança ao contacto da realidade gasta e desabusada. Outros, emfim, assaltarão sem reservas a puerilidade innocente das vossas crenças juvenis, bebidas, segundo elles, no regaço de um ensino anachronico e de uma educação servil.

Desses inimigos, meus caros filhos, é que vos haveis de precatar, envidando essa fortaleza do coração, essa tranquillidade superioridade do animo, com que as influencias terrenas vos não podem valer. Opponde ao desdem e ás zombarias o exame calmo da superficialidade dos zombeteiros e ridores. Notae que a sua vantagem consiste quasi sempre no habito de mofar e na facilidade, adquirida commodamente com a preguiça intellectual, de resolverem mediante fórmulas estereotypadas, phrases de convenção e ôcos rufos de saber, os formidaveis enigmas humanos. Não vos pejeis de arrostar essas investidas. Proclamae contra ellas o nome d'Aquelle que habita as nossas consciencias, as saneia, e as eleva acima da vasa mortal. Não temaes o ridiculo, que os maiores genios antigos e os maiores genios modernos não temeram. Bem poucos são, desses alcantis da intelligencia humana, os que se inscrevem com a negação formal da divindade. O antigo Aristoteles a confessava; não ousa negal-o o moderno: remove-a para esse inognoscivel, em que a philosophia contemporanea traduz a sua involuntaria homenagem aos direitos da fé.

Num livro cheio de notas pessimistas e sublimes bellezas espirituaes, o *Diario de Amiel*, dei outro dia com esta pagina: "Só ha uma coisa necessaria: possuir a Deus. Todos os sentidos, todas as forças



da alma e do espirito, todos os recursos exteriores são outras tantas abertas para a divindade: outras tantas maneiras de sentir e adorar a Deus. Saiba-mo-nos desatar de tudo quanto se póde perder, não nos ligando absolutamente senão ao eterno, ao absoluto, e saboreando o demais como simples usufructo e mero emprestimo. Adorar, comprehender, receber, sentir, dar, obrar: eis a tua lei, o teu dever, a tua felicidade, o teu céo. Aconteça o que acontecer, ainda que seja a morte. Põe-te de accordo contigo mesmo, vive em presença de Deus, na communhão delle, e deixa guiar tua existencia pelas forças geraes, contra as quaes nada pódes. Se te der folga a morte, tanto melhor. Se te levar, melhor ainda. Se te matar a meio, tanto melhor sempre: ella te cerra a carreira da fortuna, por te abrir a do heroismo, a da resignação, a da grandeza moral. Toda vida tem a sua grandeza, e, como te é impossivel sair de Deus, o melhor será nelle elegerdes scientemente domicilio."

Não se creia que essa attitude vos indisponha ou enfraqueça para a sciencia. Não: antes vos cingirá melhor os rins para os grandes estudos da realidade, illuminando-a do alto com esse clarão sereno, a que a sciencia sobresa e livre e magnifica na immensidade dos seus triumphos. Seria eu quem negasse as maravilhas da intelligencia humana, suas conquistas prodigiosas no campo da observação directa das coisas, as estupendas amplidões do seu horizonte? Seria eu quem desmerecesse nos portentos dessa incommensuravel sabedoria e no fabuloso alcance dos seus instrumentos, pelos quaes passa a distancia dos astros, a orbita, a composição, o peso das estrellas, a temperatura do sol e a dos espaços interplanetarios, a mensuração do curso da luz nos raios estellares? Não saberei eu que ella descobriu

no infinitamente pequeno um mundo novo, não menos estranho e poderoso que o do infinitamente grande, e que extrahiu da physiologia das cellulas vivas a theoria da velhice e da morte?

Mas, depois de nos traçar tão admiravelmente nas raias do corpo humano essa dupla missão, preservadora e destruidora, das cellulas vorazes, com uma precisão a cuja certeza não se subtrahem nem o minimo papel dos cromophagos nos fios de cabello que encanecem, não vae muito além a sciencia nas suas promessas. Que nos entremostrem ellas? A cirurgia futura adoçará ou diminuirá, talvez, as nossas enfermidades, desembaraçando-nos de visceras inuteis e perigosas. A physiologia e a hygiene combinadas lograrão melhorar, talvez, as condições da velhice. Crescerá, porventura, a longevidade humana. Eis ahi. A sciencia não entrevê mais, nem se obriga a mais; porque a sciencia não impostura. Ora bem. Terá ella, deste modo, satisfeito a consciencia humana? Adoecer um pouco menos, viver um pouco mais — será esse o *desideratum*, que absorve as preoccupações eternas da nossa especie? E notae: apontando em nosso organismo elementos, que classifica de immortaes, annunciando a immortalidade physiologica das cellulas reproductoras, e admittindo a immortalidade material em animaes inferiores, não concorrerá ella mesma para alentar em nós o sentimento dessa outra immortalidade, superior e invisivel, cujos vestigios se vão encontrando, sempre vivos, por toda a historia da humanidade?

Grande é a sciencia, bem o creio; é a maior de todas as grandezas; mas abaixo *da outra*: a divina, que lhe ha de sobrepairar eternamente. Deixem-me clamar assim, ao menos aqui, neste suave abrigo do espirito, a minha convicção, ultimo fructo que me

estende sazonado a arvore da vida : não sei conceber o homem sem Deus, e ainda menos acreditar na possibilidade, actual, ou vindouira, de uma nação civilizada e athéa. Envelhecerei na persuasão do velho Plutareho, imaginando menos a custo uma fortaleza sem alicerces que um povo sem Deus. Milhares de annos resvalaram por sobre esta verdade, milhares hão de resvalar, sem que ella desmaie.

Não alcanço *o ponto de vista de Sirius*. Mas no ponto de vista da humana razão, ao menos até onde ella coincide com a minha, Deus é a necessidade das necessidades, Deus é a chave inevitavel do Universo, Deus é a incognita dos grandes problemas insoluveis, Deus é a harmonia entre as desharmonias da criação. Incessantemente passam, e hão de passar no vortice dos tempos as idéas, os systemas, as escolas, as philosophias, os governos, as raças, as civilizações ; mas a intuição de Deus não cessa, não cessará de esplender, atravez do eterno mysterio, no fundo invisivel do pensamento, como o mais remoto dos astros nas profundezas obscuras do ether. A realidade suprema, de onde nos cae perennemente esse raio de luz, é inextinguivel. Mas de tão longe nos vem elle na immensidade do existir, que, ainda quando momentaneamente lhe pudessems suppor apagado o foco remotissimo, primeiro pereceria a humanidade que deixasse de ver acceso na extrema do horizonte esse ponto luminoso.

Deus, que fizestes estas montanhas, o globo que as aguenta, esses mundos que nos cercam, esses céos que nos envolvem ; que esparzis as estrellas do firmamento e as flores da terra ; que resplandeeis na santidade dos justos, e trovejaes na consciencia dos maus ; que semeaes na innocencia das creanças, e colheis na experiencia dos velhos, derramae a vossa misericordia sobre esta casa, sobre aquelles que a po-

voam no trabalho, sobre este enxame de esperanças, que aqui continuamente se renovam, sobre essa vergonheira pequenina de minha alma, que aqui fica entregue aos vossos apóstolos, mas ainda mais sobre os que hoje os deixam, galardoados com os primeiros graus do saber, para se affrontar com outras lidas. Vós, que tendes nas mãos a força, a vida e a bondade, medrae-os na bondade, na vida e na força. Incuti-lhes nos corações as virtudes que formam o homem e as virtudes que criam os povos. Retende-os na fidelidade á vossa crença e aos vossos mandamentos, á inspirada palavra de seus mestres e aos bons exemplos de seus paes. Ponde-lhes n'alma, com o amor da justiça e da liberdade, o sentimento da tradição e do respeito, o instinto da disciplina e da ordem. Misturae-lhes com a ternura pelos filhos a memoria dos antepassados, esse genero de gratidão, immarcescível no seio das nações robustas. Dae-lhes, no perigo das lutas e na amargura dos soffrimentos, o heroismo da coragem, o heroismo da resignação, o heroismo da humildade, o heroismo do reconhecimento aos vossos beneficios entre as calamidades que os escurecem aos olhos da fraqueza humana. Ungi-os no espirito de verdade, para amarem o estudo, no espirito de regeneração, para detestarem o abuso, no espirito de obediencia, para guardarem a lei, no espirito de solidariedade, para se associarem pelo bem, no espirito de resistencia, para contrastarem a oppressão. Ouvi-nos, Senhor, na vossa infinita generosidade, cujos thesoiros não diminuem, por mais que se dispendam em maravilhas com a criação, em liberalidades com as creaturas. Para que estes se venham a multiplicar em descendentes, que os sigam no vosso caminho, e mais uma geração e outras e outras passem, contemplando, abençoando e servindo o Creador bemfazejo de todas as coisas.

